

Relações entre ensino-aprendizagem e os desafios do bacharel em turismo na docência universitária: o caso de uma instituição de ensino superior (IES)

DOI: 10.2436/20.8070.01.79

Adriana Santos Brito

Mestra em Artes, Patrimônio e Museologia pela Universidade Federal do Piauí, Brasil.
Professora da Universidade Federal do Piauí, Brasil.
E-mail: adryannabrito@hotmail.com

Claudiane Lúcia Souza

Bacharela em Turismo pela Universidade Federal do Piauí, Brasil.
E-mail: cacau1montini@hotmail.com

Resumo: O presente artigo teve como objetivo analisar como os docentes do Curso de Bacharelado em Turismo de uma instituição de ensino superior trabalham teoria e prática do ensino em Turismo, diante dos desafios impostos pela docência universitária. Para isso, a pesquisa buscou embasamento em autores que detêm grande propriedade de conhecimento no assunto abordado, assim como em livros, artigos e diálogos entre profissionais da área, que buscam explicar e desenvolver a prática da docência no país. Dessa maneira, em sua coleta de dados questionou-se as principais dificuldades relacionadas à docência universitária em turismo e as possíveis relações entre teoria e prática que o curso oferece. A análise de dados materializou-se por meio das respostas obtidas nas entrevistas aplicadas aos docentes e, a partir das informações observadas neste instrumento, atingiu-se o objetivo central da pesquisa. Portanto, a teoria e a prática constroem discursos que colocam o ensino-aprendizagem como objeto de relevância no que tange à formação de alunos para o mercado de trabalho e de novos profissionais que desejam atuar na docência universitária em turismo.

Palavras-chaves: Turismo, Teoria e prática, Docência Universitária, Desafios.

1 INTRODUÇÃO

O Ensino Superior é uma das áreas do saber que muitas pessoas almejam alcançar, quer seja por uma satisfação pessoal e/ou profissional. A formação destes indivíduos trará resultados, é onde muitos deles encontrarão a oportunidade de lecionar, direcionando-se à

docência universitária.

O estudo do turismo exige prática, tempo e dedicação do aluno que deseja ingressar na área da docência, pois assim como em qualquer outra profissão ou cargo, há desafios a serem enfrentados diariamente, como inovações em suas teorias, adequações de suas práticas e estímulos para estudos aprofundados na área da pesquisa.

Outro detalhe a ser destacado está relacionado à busca por uma formação continuada, que é a qualificação do profissional, sendo importante que este almeje ingressar em cursos de pós-graduação, *lato sensu* e *stricto sensu*, que por sua vez, são referentes à formação de pesquisadores e à docência universitária.

Diante disso, uma formação de qualidade contribui tanto para o desenvolvimento das práticas turísticas quanto para a formação do indivíduo que estuda o turismo, potencializando suas qualidades e o preparando para atuar no mercado de trabalho, visto que o professor do ensino superior tem como objetivo formar profissionais competentes.

Os conhecimentos adquiridos através da prática entre os estudantes da área de turismo poderão auxiliar na aprendizagem, pois a teoria tem a função de estimular os alunos a investigar e vivenciar as futuras e diferentes áreas de trabalho em que possam vir a desempenhar seus conhecimentos após sua formação em turismo.

Por esses e outros motivos, destaca-se a importância da docência universitária em turismo, não formando apenas bacharéis, mas profissionais completos e capazes de desempenhar várias funções, capazes de formar pesquisadores e futuros professores.

Considerando-se a relevância desta pesquisa, a mesma propõe discutir o campo teórico-prático da docência universitária, estando relacionada ao ensino superior em turismo, nesse caso, a formação em Bacharelado em Turismo¹ de uma IES, cuja importância da formação continuada para esses profissionais que optaram pelo magistério superior foi imprescindível para o ensino-aprendizagem do próprio curso. Além disso, pôde contribuir para solucionar os desafios diários, os quais o profissional Bacharel em Turismo adquire ao optar pela sala de aula.

Para isso, propõe o desenvolvimento de um estudo de caso visando identificar as principais informações quanto à questão da docência universitária em turismo, através da seguinte indagação: Como os docentes bacharéis em turismo trabalham teoria e prática do ensino em turismo, diante dos desafios impostos pela docência universitária?

Para responder a tal questionamento, esta pesquisa se preocupou em obter e analisar as informações dadas pelos seus entrevistados, reproduzindo suas respostas de forma fidedigna às informações coletadas durante as entrevistas, com imparcialidade para não comprometer no resultado final desejado pela pesquisa e na preservação da identidade de seus entrevistados.

Partindo-se dessa questão, tem-se como objetivo geral: Analisar como os docentes do Curso de Bacharelado em Turismo de uma instituição de ensino superior trabalham teoria e prática do ensino em Turismo, diante dos desafios impostos pela docência universitária. E, como objetivos específicos, têm-se: Constatar as percepções adquiridas quando fora aluno de Graduação em Turismo, em relação à aprendizagem e à prática das disciplinas estudadas; discutir as experiências vividas e a importância da formação

¹ A diferença entre a formação do Bacharel em Turismo está na compreensão do cenário global, o profissional é capaz de planejar e gerir as operações técnicas aplicadas ao Turismo. Já a formação de Licenciatura em Turismo: busca formar profissionais aptos para lecionarem na Educação Básica e Profissional. Atualmente no Brasil o curso de licenciatura é oferecido apenas na modalidade à distância e nas instituições de ensino superior UFRRJ e UNIRIO Disponível em: <http://cederj.edu.br/cederj/cursos/turismo/> Acesso em 20. dez.17.

continuada para a qualificação profissional e identificar as principais dificuldades e/ou desafios encontrados pelos professores durante a carreira docente.

Dessa forma, a pesquisa é justificada a partir do momento em que se entende a importância da prática do turismo, dos seus resultados, da geração de renda produzida, ofertando produtos e serviços turísticos, proporcionando maiores oportunidades de empregos e desenvolvimento tanto econômico quanto de caráter social, tendo como intuito oferecer aos seus clientes/turistas as melhores condições para que seus desejos sejam de pronto atendidos.

Diante disso, a pesquisa será fonte de informações valiosas sobre os docentes Bacharéis em Turismo, buscando compreender suas dificuldades, expectativas, desafios, entre outras inquietações relacionadas ao ensino e às suas práticas, analisando os métodos de cada profissional, relacionando suas vivências, saber sobre as experiências adquiridas durante e depois da sua formação, confirmando a importância de estudar e se aprimorar na docência universitária em Turismo.

2 A IMPORTÂNCIA DA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA EM TURISMO

O ingresso à Docência Universitária pode ocorrer através de alguns meios, possuir diversos motivos e interesses ou representar uma busca de complementar a carreira profissional, sendo que todas estas possibilidades assumem âmbitos tanto pessoais quanto profissionais de cada pessoa.

Diante dessas possíveis escolhas, vale ressaltar o que é e o que se trabalha na Docência Universitária. Para Pimenta e Anastasiou (2014, p.109) “[...] a docência universitária é profissão que tem por natureza constituir um processo mediador entre sujeitos essencialmente diferentes, professor e alunos, no confronto e na conquista do conhecimento”.

Desde o surgimento do Curso de Turismo no Brasil, através da Faculdade do Morumbi, no ano de 1971, hoje Universidade Anhembi-Morumbi, a procura por ingressar em um curso até então novo no Brasil foi bastante intensa e, como o curso possui várias áreas de abrangência, logo a docência universitária em Turismo surgiu como um grande atrativo, estimulando a busca por cursos de qualificação profissional em nível acadêmico.

Porém, esta procura frenética pelo curso não significou que os alunos apresentariam uma boa formação profissional, pois, há sempre partes desprendidas dos fascínios do saber, que visavam apenas ingressar no mercado de trabalho, conforme aborda sobre o tema Silveira (*et al*, 2012, p. 10):

Nesse cenário de oferta descontrolada a qualidade dos cursos decaiu e houve como consequência, em muitos cursos, notória falta de profissionais preparados decorrente do crescimento abrupto no número de vagas para professores nos cursos sem que tivesse havido tempo para que o mercado dispusesse de tantos profissionais já qualificados para docência em uma área com tantas especificidades. Além disso, em função da quantidade de profissionais lançados ao mercado, uma profissão que era praticamente desconhecida tornou-se massificada.

Essa escolha deve vincular-se às áreas de pesquisas e ações educacionais, pois no campo do turismo, são comuns modificações e alterações em seus diversos cenários, cabendo ao profissional docente a competência de estar muito bem informado e atento à estas informações que irão surgindo, agregando seus saberes e experiências, para que o

ensino possa ser aplicado dentro e fora da sala de aula.

O magistério superior vai muito além de ministrar conteúdos nas salas de aula, Masetto (2003, p. 26) destaca que “[...] essa competência significa, em primeiro lugar, um domínio dos conhecimentos básicos em determinada área, bem como experiência profissional de campo, domínio este que se adquire, em geral, por meio de cursos de bacharelado [...]”.

Compreende-se assim a importância de qualificar-se e de realizar pesquisas em suas áreas específicas, para que haja uma boa formação, aprimorando seus saberes e conhecimentos; refletindo um melhor rendimento acadêmico docente na capacidade de formar profissionais com mais qualidade.

O estudo do turismo é complexo, é uma atividade interdisciplinar e multidisciplinar, suas avaliações requerem tempo e dedicação de quem o estuda, seus efeitos podem ser notados de várias formas, em tempos diferentes e locais variados. Barretto (1995, p. 147), defende um ensino segmentado do turismo, ao explicar que:

O tipo de educação que parece mais adequado é o iluminista. Precisa-se de pessoas com conhecimentos gerais, que sejam capazes de interpretar os problemas da sociedade atual e que saibam aprender a aprender para reciclar-se continuamente, executando suas tarefas, da mais simples até a mais complexa, com real eficiência; mas, fundamentalmente, precisa-se segmentar o turismo para ver quantos tipos de profissionais de turismo serão necessários para atender efetivamente o sistema.

Mas, para que esse profissional tome destaque de fato, aponta-se um aspecto importante para a construção e a consolidação de sua carreira docente: qual o tipo de identidade este professor universitário pretende assumir ao adentrar nas Instituições de Ensino Superior?

O elemento identidade é tão importante quanto a formação em si de um docente e também não é algo que não possa sofrer alterações, é uma busca constante para se alcançar eficiência no trabalho, além de transmitir respeito e reconhecimento dentro e fora da academia. Ao dirigir-se sobre a construção do processo de identidade do professor, Pimenta e Anastasiou (2014, p.115) dizem:

[...] três elementos são destacados: adesão, ação e autoconsciência. A adesão, porque ser professor implica aderir a princípios, valores, adotar um projeto e investir na potencialidade dos jovens. A ação, porque a escolha das maneiras de agir deriva do foro pessoal e profissional. A autoconsciência, porque tudo se decide no processo de reflexão do professor sobre sua ação.

Essa construção de identidade do professor é fundamental para a consolidação de sua profissão, diante de uma sociedade com forte senso crítico e com opiniões idealizadoras, questionando-se sobre a importância do trabalho deste professor, a respeito da qualidade das suas atividades, sobre os resultados finais esperados ao concluir, no caso da pesquisa, um curso de Bacharelado em Turismo e como envolver seus alunos de forma positiva ao aprendizado. Esses são alguns questionamentos feitos pela sociedade que, em sua maioria, desvalorizam tanto a profissão professor, quanto ao curso de Turismo, e esse profissional precisa estar preparado.

Referente à educação e o quão ela é importante, podemos dizer que “a educação em

Turismo é algo novo que precisa ser estudado cada vez mais e desenvolvido. A educação deve andar junta com o desenvolvimento do turismo, buscando-se acrescentar sempre conhecimentos” (NIQUINI E BRUSADIN, 2013, p. 14).

É reconhecida que essas informações acima mencionadas são formadas através das vivências de cada professor, de suas experiências até mesmo quando fora aluno, das influências despertadas por seus professores no passado, contribuindo para a formação do perfil ideal, confrontando aspectos positivos e negativos e a troca de ideias com os demais colegas de trabalho. Esses aspectos colaboram para a construção do perfil docente.

Para Pimenta e Anastasiou (2014, p.88) “[...] a docência na universidade configura-se como um processo contínuo de construção da identidade docente e tem por base saberes da experiência, construídos no exercício profissional mediante o ensino dos saberes específicos das áreas de conhecimento”.

Diante de tamanha importância e responsabilidade da docência universitária e o estudo do turismo, destaca-se que, para que haja um melhor resultado do corpo discente e docente, é preciso um maior envolvimento de parceria entre as instituições de ensino e a classe de professorado, ação esta que deve ser revista frequentemente.

No Ensino Superior em Turismo, há também as dificuldades e desafios do ensino propriamente dito e as universidades precisam trabalhá-los. São eles: “propiciar ao aluno a intelectualidade devida para intervir no fenômeno do turismo de maneira crítica e responsável e a capacidade de aprender com facilidade a prática necessária, uma vez que tenha acesso ao mercado de trabalho” (REIS; BRUSADIN, 2014, p. 07).

Muitas vezes, quando a profissão surge de forma inesperada, sem muito preparo, sem experiências ou até mesmo sem noções básicas sobre o trabalho docente, é comum deparar-se com profissionais com baixas qualidades técnicas e de conteúdo, inseguros quanto a seus trabalhos, despreparados ou até mesmo sem nenhum tipo de orientação. Mas, assim mesmo iniciam sua carreira docente.

Essas pessoas podem se deparar com situações desesperadoras em seu dia a dia profissional, obrigando-os a trabalharem de forma isolada, sem ter uma pessoa para ajudá-los nas tomadas de decisões ou até mesmo na orientação, sem apoio técnico ou pedagógico. E, quando estas possuem todas as qualificadoras para a profissão ser de excelência, a realidade possivelmente continuará negativa. É válido citar como um grande exemplo de desafio, o Projeto Pedagógico de Curso já estabelecido, sem ser explicado ou ter a participação do professor na sua construção.

Por conseguinte, é importante investigar e acompanhar o processo de formação profissional acadêmica e pedagógica desses profissionais, quando os mesmos assumem o cargo de professor, certificando-se o quão apto eles estão para assim o serem, reconhecendo e valorizando a plenitude da profissão docente no ensino superior.

Para todo processo formativo se desenvolver, são necessários objetivos e que esses objetivos sejam de fato alcançados. Uma vez identificados esses possíveis problemas ou até mesmo outras propostas na área do ensino do turismo, cabe uma solução vinda em conjunto entre a academia, os professores e os alunos.

Sim, a participação de todos é importante para a solidificação do ensino, cada parte com suas contribuições para o sucesso, almejando os mesmos objetivos que culminam na busca por uma educação de qualidade, com os melhores recursos didáticos pedagógicos, além de boas condições de trabalho, de ensino e de vivência nas salas de aula, como reflete Masetto (2003, p. 30):

É importante que o professor desenvolva uma atividade de parceria e corresponsabilidade com os alunos planejando o curso juntos, usando técnicas em sala de aula que facilitem a participação e considerando os

seus alunos adultos que podem se co-responsabilizar por seu período de formação profissional.

Desse modo, para que se alcance uma profissão de sucesso é importante, desde a base, que o nível da educação e do trabalho de formação sejam de qualidade, pois estes irão refletir na transformação do ser aluno para o ser professor.

A docência superior tem as suas necessidades rotineiras e suas contribuições para o profissional acadêmico, que precisa estar sempre se adequando às mudanças, buscando por novas formações especializadas e continuadas, consentindo em uma realidade cada vez mais competitiva e com elevado grau de qualificações e exigências profissionais do mercado educacional.

3 UM OLHAR PARALELO: TEORIA E PRÁTICA NO TURISMO

Quando se trata de adquirir conhecimento, a prática e a vivência são fatores chaves para a fixação e a expansão desses conhecimentos. Para compreender a teoria, é importante passar pela atividade prática, assim como na experiência da prática, a teoria aprimora os conhecimentos e saberes de uma ação.

Assim, entende-se a importância de atividades que agregam informações e experiências antes de qualquer formação profissional, direcionando-se a formação em turismo, ou seja, se são exigidos os dois lados: a parte teórica e a parte prática.

Atividades como monitoria, estágios, programas de extensão e de iniciação científica são formas de aproximar e mostrar aos alunos uma realidade mais densa, complexa do que é o ensino superior, em que os alunos ganham experiências na área do ensino, da pesquisa e da extensão, direcionando-os para possíveis áreas de atuação, fortalecendo assim uma eficiente formação profissional, formando futuros especialistas, mestres, doutores, pesquisadores, dentre outros títulos e enfrentando as incertezas e os desafios do contexto educacional.

Diante disso, acerca da teoria e a prática, Niquini e Brusadin (2013, p. 14) discutem que:

É possível concluir que a prática e a teoria se interagem e precisam ser trabalhados juntos para que haja sentido. Necessita-se, assim, buscar formas diferentes de se trabalhar dentro das salas de aula, mostrar ao aluno a importância de se aprender, e o prazer de ensinar, assim como, para o Turismo, é necessário encontrar formas educativas de vincular teoria e prática.

Essa relação, por vezes, pode parecer difícil de ser correlacionada ao campo de trabalho, nas suas práticas pedagógicas. É onde o aprendiz é direcionado a conquistar a sabedoria plena sobre o ensino, pois a interação entre professor e aluno e aluno com o campo formam um grande conjunto de saberes e experiências, contribuindo para a junção e disseminação dos diversos conhecimentos vindos desta trílice.

O domínio do conteúdo advindo de uma boa formação e acompanhamento adequados são características de um bom profissional. Este deve estar preparado para as mais diversas situações que possam ocorrer, buscando solucioná-las.

São algumas dificuldades encontradas pelos docentes: buscar estar apto para ministrar as mais diversas disciplinas dentro do curso, estimular o pensamento crítico dos alunos e uma maior participação deles dentro da sala de aula, buscar ajuda de colegas de

trabalho ou orientação da coordenação do curso quando for necessário, etc.

O magistério superior é formado pelo dinamismo de suas atividades, “[...] tendo em vista que o processo educativo é essencialmente de dentro para fora, a função do docente é tipicamente de motivação, fazendo, pois, esse desafio parte ineludível de sua habilidade didática” (DEMO, 2009, p. 156).

A prévia de uma possível escolha de como repassar a parte teórica e qual a melhor atividade prática para fixar os conhecimentos são, muitas vezes, decididas antes da atuação como professores universitários. O período como aluno, antes da sua formação, colabora para essas tomadas de decisões. O período quando se é discente é um divisor de águas.

Quando estes optam pelo magistério, já começam a traçar e a construir o perfil docente, onde se espelham em seus mestres, utilizando os exemplos positivos observados, se apegando a eles e os tomando para si; com exemplos que consideram negativos, os transformam em outra direção, a mais adequada, eliminando as deficiências pedagógicas enxergadas.

Mas, para um bom desempenho dentro das instituições superiores e, que geralmente não é muito praticado, está relacionado à valorização e ao reconhecimento destes docentes, pois além de boas condições de trabalho, a motivação e o apoio para eles são tão importantes quanto a conquista de um local adequado para a formação de seus alunos.

Estimular o interesse e uma maior participação desses professores podem transformar sua didática e seus pensamentos para melhor, sendo capazes de formarem profissionais eficientes em suas áreas de escolha, “[...] incentivar essa participação resulta em uma motivação e interesse do aluno pela matéria, e dinamização nas relações entre aluno e professor facilitando a comunicação entre ambos” (MASETTO, 2003, p. 23).

Direcionando-se para o Curso de Turismo, os alunos guardam grandes expectativas em relação às atividades práticas, com a troca de conhecimentos entre seus colegas de classe e com o professor. Porém, por razões de turmas com grande volume de alunos ou por pouco tempo de duração dessas atividades, esses alunos acabam frustrando-se e alguns até perdem o interesse nesses tipos de aula.

Levar em conta a quantidade de alunos presenciais, o tempo disponível para a execução das tarefas, os tipos de equipamentos disponíveis e necessários são alguns de tantos outros detalhes que o professor deve estar atento para que aconteça uma boa e bem-sucedida aula prática.

O saber ensinar vai muito além de conhecer as teorias dos livros, engloba todo um conjunto de didática, técnicas e trocas de experiências vividas, como argumenta Pimenta e Anastasiou (2014, p.78):

Por isso, a identidade de professores constitui também um processo epistemológico que reconhece a docência como campo de conhecimentos específicos configurados em quatro grandes conjuntos: os conteúdos das diversas áreas do saber (das ciências humanas e naturais, da cultura e das artes) e do ensino, os conteúdos didático-pedagógicos, diretamente relacionados ao campo da atividade profissional, os conteúdos relacionados a saberes pedagógicos mais amplos do teórico da prática educacional, os conteúdos ligados à explicitação do sentido da existência humana individual, com sensibilidade pessoal e social.

Continuando as comparações do Curso de Turismo, agora direcionando-se para a parte teórica das disciplinas, o professor precisa saber, antes de qualquer coisa, o significado da docência e suas práticas, buscar por novas pesquisas, não se limitando

apenas à transmissão de conhecimentos, precisa também estimular nos alunos a investigação de temas, aguçar o senso crítico deles, buscar atrair cada vez mais a atenção e o interesse frente às disciplinas.

Também é preciso saber separar conteúdos essenciais dos complementares, otimizar o tempo para a aprendizagem nas salas e aumentar o rendimento acadêmico. Essas e outras características só podem ser adquiridas através do tempo com as experiências e as práticas na área da docência universitária.

O conhecimento e a aplicação de uma boa didática para o desenvolvimento dos estudos parte, inicialmente, da reflexão atual sobre as condições de ensino, participação de seus alunos nas aulas, das habilidades do professor em transmitir o conteúdo, além da troca de conhecimentos entre professor e alunos.

Partindo dessas transmissões de valores e experiências, é possível adquirir um bom desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, estimulando o interesse e aperfeiçoando sua capacidade de pensar frente aos conteúdos apresentados nas aulas.

Dentre outras formas de se buscar uma boa qualidade no ensino-aprendizagem na área do Turismo pode-se citar as pesquisas, projetos e novas tecnologias. São caminhos que facilitam e envolvem a participação de todos.

Diante da era digital, a utilização e a interação com instrumentos tecnológicos no meio acadêmico são mecanismos essenciais, é quase inviável o não uso destes equipamentos tecnológicos dentro e fora das salas de aula. O professor deve manter-se atento às novas tendências tecnológicas para o seu uso no ensino e aquisição de novos saberes.

4 OS DESAFIOS DO MAGISTÉRIO SUPERIOR EM TURISMO

A escolha pela docência universitária geralmente é estimulada, de forma mais intensa, durante os cursos de pós-graduação, quando os alunos começam a trabalhar mais no campo da pesquisa, de maneira mais profunda. Tornar-se professor universitário, na maioria das vezes, é o reflexo da busca por uma estabilidade financeira e independência pessoal.

Assim como toda escolha na vida, essa traz condições específicas e desafios no decorrer do tempo, que devem ser trabalhados e resolvidos pelo docente, firmando seu profissionalismo e garantindo a sua permanência no mercado de trabalho.

Superar as dificuldades exige do profissional experiência, criatividade e autoestima em relação ao 'eu docente'. Para tanto, são inúmeros os desafios vivenciados diariamente por esses docentes.

Para tornar-se professor são necessárias qualificações especializadas para o bom desempenho profissional. Fazer uma boa construção desde a base, em relação à educação, até a busca por novas especializações são caminhos favoráveis para a formação de um excelente profissional.

A formação de um professor é um processo contínuo de profissionalização. Esta mentalidade de que é um processo de início, meio e fim precisa ser mudada, estimulando a busca por novos estudos e especializações frequentes e atualizar-se, quando assim for necessário.

Levando em consideração a importância do seu papel frente às instituições, aos seus alunos e à sociedade em geral, ressalta-se estes aspectos mencionando a reflexão de Caldeira (*et al*, 2008, p. 104):

O conhecimento profissional do docente deve permanecer em estado de contínua construção e de contínuo aperfeiçoamento, para que ele se mantenha em dia com o desenvolvimento acelerado tanto no conhecimento científico, na cultura e na arte, bases do conhecimento escolar, como nas estruturas materiais e institucionais da sociedade, com reflexos significativos nas formas de pensar, agir e sentir das novas gerações de alunos. O docente deve também acompanhar a evolução dos conhecimentos específicos da formação pedagógica, o que capacita a intervir e a refletir sobre sua própria prática.

Além da busca por melhores qualificações, essa formação requer tempo, tempo dedicado aos estudos, à sala de aula, às trocas de conhecimentos entre alunos e seus colegas de trabalho, às vivências e experiências dentro e fora das instituições. O fator tempo é primordial na construção e formação do docente, como meio de identificar os desafios e solucionar os problemas que surgem ao longo de sua carreira profissional.

A divisão do tempo e a carga horária de trabalho são pontos a serem considerados relevantes frente aos desafios na vida acadêmica. Muitos dos docentes universitários trabalham em mais de uma instituição, em diferentes cidades, com diversos projetos políticos pedagógicos, sendo que este último varia de instituição para instituição, fazendo com que o tempo de trabalho seja maior e mais exaustivo.

Trabalhar em vários lugares e com um tempo de trabalho semanal considerado elevado, podem prejudicar a vida profissional de um docente. Trabalhos em excesso não contribuem nem favorecem na formação desses profissionais. Trabalhos estes que devem ser bem planejados e distribuídos, disponibilizando tempo para que esse professor consiga também conciliar seu papel de estudante, buscando reciclar suas práticas pedagógicas e também a sua vida pessoal, pois as cobranças são muitas e a exigência por um trabalho de excelência é presente no dia a dia dessas pessoas.

Reiterando o pensamento a respeito da importância em se valorizar a profissão docente, “[...] investir na docência universitária e na defesa desse espaço como local de formação dos professores em geral configura um movimento de valorização da educação de qualidade para todos” (SILVEIRA *et al*, 2012, p. 131).

O apoio das instituições e o reconhecimento destas para com o corpo docente é necessário para que haja maiores condições de trabalho, diálogos entre as partes envolvidas, a fim de conhecer suas principais dificuldades e oportunidades em seu local de trabalho, maximizando os vínculos de articulações e de trabalhos em conjunto, com o intuito de solucionar e ajudar esses profissionais em suas atividades como docentes universitários.

O local de trabalho e suas condições também interferem no desempenho das atividades desses professores. Questões como infraestrutura, duração de suas aulas, materiais de apoio e colaboração das coordenações são alguns dos diversos desafios encontrados pelos magistérios nas instituições de ensino superior.

Outro ponto que merece destaque é a utilização e o conhecimento sobre as novas tecnologias em seu local de trabalho, “[...] a entrada das novas tecnologias digitais na sala de aula vem desencadeando a necessidade de nova postura dos educadores, ou seja, o preparo de um professor profissional que atenda ao novo paradigma na educação” (ZUFFO E BEHRENS, 2009, p. 8756).

Diante das constantes modificações no cenário digital e tecnológico, faz-se necessário que esse profissional busque conhecer e interagir nessa nova e desenvolvida era, acompanhando o ritmo no qual a sociedade cada vez mais está envolvida e dependente,

encurtando as fronteiras, compartilhando conhecimentos e adquirindo novos saberes.

Contribuindo com a concepção de interação e coletividade entre professor-alunos-conhecimento, Caldeira (*et al*, 2008, p. 119) fala que:

A reflexão coletiva da prática só é possível se for exercida. É preciso que o professor, ao longo de sua formação inicial, aprenda a aprender dessa maneira. É preciso que aprenda a perceber a riqueza do trabalho interdisciplinar, no qual experiências, saberes, conhecimentos individuais afirmam-se, contrastam-se e unificam-se, contribuindo uma competência coletiva.

A tecnologia contribui para um amplo acesso e distribuição de saberes, conhecimentos e trocas de materiais, ressaltando que o conhecimento não é repassado apenas dentro da sala de aula, é preciso expandir e alcançar diversos lugares, em outras situações, com maiores números de alunos interessados em aprender algo, principalmente na área do turismo, que a cada dia se expande e é uma atividade realizada por pessoas.

Desse modo, esses desafios devem ser trabalhados e transformados em algo positivo, como fatores que possam contribuir para a formação docente. Eles precisam ser revertidos em soluções, a fim de averiguar, apoiar e exigir de suas atribuições formadoras como profissional. Todos esses processos bem executados resultam em uma educação superior de qualidade.

5 METODOLOGIA

Para iniciar a metodologia, entende-se que a pesquisa se baseia na investigação e que, a partir da reflexão, busca alcançar os objetivos propostos pelos pesquisadores das mais diferentes áreas de estudo, no intuito de com elas contribuir e, cada vez mais, incitar a dilatação e a expansão do conhecimento científico.

Cabe frisar que, para a realização dessa pesquisa, optou-se por uma metodologia a qual emprega uma pesquisa de caráter aplicada, por tratar-se de um procedimento que tem como objetivo a geração de informações e conhecimentos relacionados ao tema investigado, identificando problemas específicos em meio à realidade local onde está sendo desenvolvida, com o intuito de saná-las ou até mesmo evitá-las.

No caso desse artigo, os resultados obtidos através dela possibilitaram a abertura de novas discussões. Pretendeu-se colocar em prática todo o conhecimento adquirido através das informações prestadas para solucionar eventuais problemas identificados durante a pesquisa, de acordo com os dados coletados no local onde a mesma foi desenvolvida.

Com relação à abordagem, optou-se pelo qualitativo, por se tratar de coletas de dados e das suas análises, sem o envolvimento direto da pessoa que as investigaram. É um tipo de pesquisa que permite a compreensão do fenômeno pesquisado com base nas informações obtidas, a partir do meio na qual os sujeitos estão ligados, sem a utilização de técnicas ou métodos estatísticos, em que a descrição é a principal ferramenta utilizada.

De acordo com Stake (2011, p. 68):

A pesquisa qualitativa geralmente é uma tentativa de melhorar a compreensão teórica dos pesquisadores, que, por sua vez, apresentam a pesquisa a seus colegas e estudantes, e, para uma aplicação prática, a diversos públicos. [...] O pesquisador qualitativo tenta relatar algumas experiências situacionais, geralmente não tem grande quantidade e não

necessariamente utilizando as mais influentes. O pesquisador seleciona as atividades e os contextos que oferecem possibilidades de compreender uma parte interessante sobre como as coisas funcionam.

Levando em consideração que os dados obtidos foram analisados individualmente, esta pesquisa pretende coletar informações de cunho pessoal e profissional dos docentes atuantes em uma IES, a fim de compreender o cenário atual da docência universitária no curso de Bacharelado em Turismo.

Quanto ao tipo de pesquisa foi utilizado o estudo de caso por possuir uma capacidade de retratar as situações da vida real, sem prejuízos de sua complexidade e de sua dinâmica natural e também por se tratar de um estudo de caso particular, ou seja, os docentes de um curso de uma instituição de ensino superior.

Segundo Chizzotti (2010, p. 102) “[...] o estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular [...]”, ou seja, o caso é tomado como unidade significativa do todo e, por isso, suficiente tanto para fundamentar um julgamento real quanto propor uma intervenção.

Dessa forma, durante o estudo, optou-se por trabalhar a entrevista como ferramenta de coleta de dados, direcionada aos docentes efetivos e substitutos ativos de uma IES, com formação em Bacharelado em Turismo. A citada entrevista buscou compreender os aspectos relevantes que levaram à iniciação desta pesquisa, abrindo campos para novas discussões, buscando a compreensão dos temas e a identificação dos principais desafios apresentados durante a carreira acadêmica.

Os sujeitos da pesquisa são formados pelo corpo docente do curso de Bacharelado em Turismo de uma IES, composto por seis docentes Bacharéis em Turismo atuantes. A amostra da pesquisa está dividida entre três (03) docentes efetivos e três (03) substitutos.

A pesquisa foi realizada sendo utilizado o roteiro de entrevista como instrumento que, por sua vez, foi aplicado aos participantes. A decisão por esse instrumento resulta do conhecimento de que esse foi o meio adequado para a abordagem adotada na pesquisa.

De acordo com Andrade (2001, p. 14), “[...] a entrevista constitui um instrumento eficaz na recolha de dados fidedignos para a elaboração de uma pesquisa, desde que seja bem elaborada, bem realizada e interpretada”.

Sendo assim, a entrevista é um importante meio de obter informações precisas, ricas em detalhes que colaboram para um melhor resultado final para a pesquisa, informações estas que provavelmente não encontraríamos facilmente em outros registros, livros ou documentos.

É pertinente citar que a entrevista foi o ponto crucial para o desenvolvimento da pesquisa, atingindo o resultado final desejado, a fim de que a coleta dessas informações proporcione a obtenção de dados relevantes para a finalização da pesquisa.

Dessa forma, o método utilizado no artigo foi o método dedutivo, o qual possibilitou um conjunto de análises que, a partir das respostas e das informações pessoais obtidas durante a pesquisa, obteve-se uma maior área de investigação e de resultados pautados na verdade geral, a qual se almeja alcançar, possibilitando combinações de ideias que possam ser interpretadas para que sejam alcançadas as possíveis respostas.

Segundo Kauark (*et al*, 2010, p. 67), “[...] no método dedutivo, a racionalização ou a combinação de ideias em sentido interpretativo têm mais valor que a experimentação caso a caso, ou seja, utiliza-se a dedução, raciocínio [...]”.

Entende-se que com o método dedutivo, as informações coletadas poderão direcionar ao leitor e até mesmo ao pesquisador diversas vertentes, buscando respostas às

dúvidas acerca do tema, possibilitando novas interpretações e raciocínios críticos/construtivos, estimulando a diversificação e variação de possíveis resultados ao final da coleta de dados.

Através das perguntas lançadas aos seus entrevistados, sem interferir nas respostas ou nos resultados finais dessas entrevistas, adquiriu-se respostas mais concretas e próximas da realidade, destacando assim a importância de se pesquisar o tema.

Nessa pesquisa houve a observação, o registro e a análise de dados, sem manipulá-los, ou seja, sem a interferência do pesquisador, antes ou durante a aplicação de suas entrevistas e nas suas análises. Seu objetivo foi apenas a coleta de informações, sem manifestar nenhum tipo de opinião ou discordância no posicionamento de seus entrevistados, que pudessem provocar a obtenção ou alteração de resultados diferentes ao final das entrevistas aplicadas.

Definidos os caminhos da pesquisa e feita a sua devida identificação e caracterização, o pesquisador passa a apostar nos caminhos delimitados neste capítulo, bem como respeitar as etapas e nuances que compõem o processo investigativo, no intuito de elucidar os objetivos propostos por esse trabalho, bem como contribuir com a área de estudo em questão.

Dessa maneira a coleta de dados foi realizada nos meses de abril e maio de 2017, com horários agendados nas dependências de uma instituição de ensino superior – IES. Na ocasião, contou-se com o entrevistador (pesquisador) e os docentes do curso de Bacharelado em Turismo da mesma instituição (sujeitos da pesquisa), totalizando seis docentes a serem entrevistados.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tendo como base os dados apresentados na metodologia, esse trabalho trata de descrever e analisar os dados obtidos através de entrevistas, onde as perguntas foram direcionadas e respondidas pelos professores de um IES, no caso desse trabalho, utilizou-se o Curso de Bacharelado em Turismo.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, o objetivo desse trabalho foi analisar as respostas obtidas, a fim de compreender as principais dificuldades da carreira docente, trazendo à luz possíveis soluções para a melhoria do desenvolvimento do magistério superior no Curso de Bacharelado em Turismo.

Quando perguntados sobre os fatores que os levaram a ingressar no Curso de Turismo, foi lançada a primeira pergunta: Quais os fatores que levaram você a escolher a graduação em Turismo?

Professor

A: — [...] escolhi Turismo, não foi pensando em mercado ou não, foi vendo potencial, foi por questão bem particular mesmo, de comodidade, pra sequência nos estudos no ensino superior.

Professor B: — E na época que fui escolher a graduação, eu entendi que o curso que mais se aproximava desse meu anseio né, de escolha profissional era o Turismo, por isso que eu fiz, na época, essa escolha [...].

Professor C: — Foram vários! Primeiro, foi a vocação. [...] Mas o Turismo eu escolhi porque uma coisa me cativava e eu me via trabalhando com isso.

Professor D: — Quando eu pensei em graduação em Turismo, eu escolhi porque eu gostava das viagens [...].

Professor E: — A graduação em Turismo não foi bem uma escolha. [...] eu acabei optando pelo Turismo talvez por ter uma impressão de que fosse uma área mais a ver com meu perfil na época, eu era muito descolado e eu acabei achando que seria a área que tinha mais a ver comigo.

Professor F: — Bom, por se tratar de um curso inovador, na minha época, né? Que trazia várias temáticas, nos quais eu tinha afinidade, como a Cultura, Geografia, História... então, o curso pra mim era completo, trazia vários temas, nos quais eu tive interesse de estudar, de me aprofundar e escolher uma profissão.

De acordo com as falas dos entrevistados, entende-se que a maioria deles não havia feito uma escolha certa em relação ao Curso de Turismo, tornando-se a realização do mesmo através de escolhas particulares, opcional ou por desejo, de fato, em se fazer o Curso de Turismo, construindo ou transformando sua identidade docente.

De acordo com a história da origem do primeiro curso de Turismo no Brasil, que é considerado recente frente aos cursos de outros países do mundo, explica-se que esse surgimento tardio na área do ensino superior tenha contribuído para o aparecimento de críticas feitas ao curso por alguns estudiosos.

Inevitavelmente, surgiram preconceitos relacionados ao curso, pois “[...] acreditavam que o graduando em curso superior de Turismo seria apenas um ‘tarefeiro’, sem nenhuma base de conhecimento para desenvolver qualquer trabalho que exigisse reflexão” (MATIAS, 2012, p. 60).

Acerca da escolha pela profissão, foi a segunda pergunta: Essa escolha se deu a partir de uma opção como mais uma forma de trabalho ou foi por vocação?

Professor A: — Era mais uma possibilidade de trabalho. Eu não conhecia o curso, não sabia do que se tratava, não sabia o que se debatia, tinha aquela ideia de: “vou fazer Turismo pra viajar”. E aí, foi mais por conta dessa questão.

Professor B: — Eu entendo que foi por vocação. Como eu falei anteriormente né, por essa questão desse meu, essa minha curiosidade de entender um pouco mais essas relações que o Turismo produzia [...].

Professor C: — Vocação!

Professor D: — Foi por totalmente por vocação! Eu fui me

interessando, fui conhecendo, fui realmente... não pensei depois se ia ter trabalho, se não ia, não pensei nisso...

Professor E: — Não foi por vocação e nem porque eu achava que escolhi como opção de trabalho.

Professor F: — Foi por vocação! Não tava, focalizando exatamente um trabalho, um futuro não.

Observa-se que boa parte dos entrevistados assinalou que a sua escolha pela profissão se deu através da vocação, adequando-se em suas áreas a fins, pois “[...] a identidade do professor é construída no decorrer do exercício da sua profissão, porém, é durante a formação inicial que serão sedimentados os pressupostos e as diretrizes presentes no curso formador” (BARREIRO; GEBRAN, 2006, p. 20).

Seguindo o roteiro da entrevista, a terceira pergunta foi relacionada à importância de investimento na formação continuada (*lato sensu* e/ou *stricto sensu*): Qual a importância de se buscar uma formação continuada quando você optou pelo magistério superior?

Professor A: — [...] no decorrer do curso, eu me identifiquei e já comecei a pensar e, na docência, sabe? [...]. Eu já decidi isso bem no início do curso, metade do curso mais ou menos e, a partir daí, já fui pensando o que que eu precisava fazer pra quando terminar a graduação, adentrar e começar a trabalhar como professora [...]

Professor B: — [...]. Por mais que eu tenha feito a graduação e, quando eu fiz a graduação inicialmente, o meu foco não era trabalhar com docência, né?! Mas aí, ao longo do curso, eu fui percebendo e despertando esse interesse em mim, né?! E aí fui fazer um mestrado pra me aprimorar, pra fazer essa formação continuada, doutorado também. Entretanto, em ambos os cursos, eu sentia uma deficiência de, é...capacitação pra atividade docente.

Professor C: — É primordial! É tanto que a minha especialização, logo depois que eu saí da graduação, foi em docência [...].

Professor D: — Eu acredito que, quando a gente escolhe ser professor, você tem que pensar que você vai ter que estudar sempre. Então, quando você escolhe a vida acadêmica, você tem que pensar que vai continuar estudando sempre. Porque você vai esquecendo coisas antigas, vão chegando coisas novas. Então, você tem que tá sempre estudando, isso é fato. Tem que gostar de estudar pra ser professor; gostar de ler. A questão das pós-graduações né, especialização, mestrado e doutorado é uma exigência que a academia faz pro professor.

Professor E: — Com relação ao magistério, já foi uma área a qual eu acabei escolhendo porque, de todas as áreas do Turismo, foi a que eu vi que tinha mais a ver comigo.

Professor F: — Ah, é fundamental! Porque não há como eu transmitir conhecimento, não há como estimular a aprendizagem dos alunos, se eu mesma não tiver me aperfeiçoando e melhorando, tanto as minhas práticas, como ampliando também meu conhecimento acerca de um tema específico ou de vários temas que interessam ao Turismo, né?!

Na busca em ratificar a importância de se buscar a formação continuada desses indivíduos, destacamos que “[...] a formação continuada do profissional é processo constante, permitindo a análise da teoria na prática, além de desenvolver o senso reflexivo sobre a sua atuação” (ARAÚJO E YOSHIDA, 2009, p. 11).

A quarta pergunta foi a respeito dos vários percalços encontrados no magistério superior: Quais foram os seus principais desafios encontrados na docência universitária?

Professor A: — [...] a maior dificuldade, no início, é que existia uma ideia na cabeça dos alunos que professor substituto e professor efetivo são coisas diferentes. Então existia, no início, uma resistência muito forte por, por não ser efetiva.

Professor B: — [...] no meu mestrado, que seria o primeiro passo pra evoluir nessa perspectiva docente, eu não tive uma boa formação. Tanto é que, quando eu fui durante o mestrado, como eu era bolsista, eu tinha que fazer um estágio na docência, né?! E aí, eu pensava que esse estágio seria uma oportunidade de também crescer em termos de atuação docente, eu não tive um bom professor que me ajudou nessa formação.

Professor C: — Como eu me preparei pra isso, eu acho que o meu principal desafio está sendo os próprios, a própria convivência entre os professores e com os alunos. É lidar com pessoas, né?! [...]. Eu acho que é mais essa questão, do ser humano no dia a dia, sabe?

Professor D: — Os desafios. Eu acho que primeiro é prender a atenção dos alunos, isso é um desafio bem grande, é realmente muito dispersos. [...] E outro desafio: os materiais. [...] Tirar xerox... A gente não tem uma biblioteca que tenha livros suficiente pra todo mundo ir lá pegar o livro e acessar, não tem! Porque uma sala de quarenta alunos, mas vai ter na biblioteca, quê? Cinco livros, no máximo! Então, essa questão das xerox, com certeza, é um desafio pro nosso curso.

Professor E: — [...] Quando eu me deparei com o ensino

superior, eu realmente me senti mais desafiado, porque é uma área em que você sabe que tem pessoas que tem um conhecimento mais aprofundado e que acabam te instigando a ser muito bom, né?!

Professor F: — Bom. Eu tive o primeiro desafio, foi ao iniciar a carreira docente, por eu trabalhar com a educação ensino virtual. Isso foi um grande desafio pra mim, porque não tinha muito contato com os alunos, né? [...] E depois, eu tive a oportunidade de trabalhar com o ensino presencial que, então, demonstrou uma abertura, né? [...]. Hoje em dia, eu vejo outros desafios e eu acho que o desafio momentâneo é encarar uma juventude que não tem interesse em aprofundar seus conhecimentos, né?!

Percebeu-se que uma das grandes dificuldades mencionadas a respeito dos desafios entre os docentes é a relação humana entre professor-professor e professor-aluno e que apenas um dos entrevistados fala sobre um desafio mais material, fazendo crítica à parte do acervo da instituição, por ser insuficiente para um melhor desenvolvimento do saber de seus alunos, tornando limitada a sua aprendizagem.

Dando sequência, a quinta pergunta trata dos aspectos pessoais em relação à vida acadêmica docente: Quais foram as principais transformações, tanto positivas como negativas, vivenciadas por você durante a docência universitária?

Professor A: — [...] de hoje conseguir me identificar enquanto professora que era o que eu queria, de estar formando alunos e de saber que eu tô encontrando com um monte deles na rua, todos trabalhando e atribuindo, de alguma forma, o que eles colocam em prática com o que eu levei em sala de aula [...].

Professor B: — [...] essa própria convivência diária com os alunos é sempre um aprendizado pro professor, é uma troca, né, de conhecimentos, né, não é só o professor que está ensinando, o aluno também ensina o professor.

Professor C: — Eu acho que eu tô muito mais é flexível. [...]. Eu acho que uma das coisas ruins é mais isso mesmo, não reconhecimento da profissão, não somente da sociedade, dos políticos dentro da universidade pública, mas também a não valorização dos próprios alunos com os professores, eu acho.

Professor D: — [...] A primeira é foi a escolha da minha postura como professora. [...] A graduação exige uma maturidade maior, né, dos alunos. E aí eu tinha muito medo de, da relação aluno-professor, de ser amiga dos alunos e isso interferir, de alguma forma, nas relações dentro da sala de aula, na relação como professor e aluno.

Professor E: — Bom, a docência universitária ela me, ela veio acontecer comigo efetivamente esse ano. [...] uma das principais transformações positivas, eu acredito, foi o fato de eu entender essa necessidade de se colocar no lugar do meu aluno. Hoje eu consigo ministrar uma aula sabendo que tipo de conteúdo seria mais interessante abordar, a metodologia, a forma como esse conteúdo deve ser abordado pra se tornar mais interessante, mais envolvente, mais próximo dos alunos.

Professor F: — Bom, eu acho que positivas foram exatamente essa superação, né?! Acho que a gente tá sempre se superando. Nunca fico satisfeita totalmente comigo mesma.

Observou-se que, em relação às principais transformações, os entrevistados apontaram a questão da satisfação do reconhecimento do seu trabalho docente, a satisfação em desempenhar um bom trabalho. Recorrendo a Rios: “[...] a competência se revela na ação – é na prática do profissional que se mostram suas capacidades, que se exercitam suas possibilidades, que se atualizam suas potencialidades” (RIOS, 2010, p. 88).

Contribuindo ainda acerca desse significado da relação entre pessoas no trabalho docente, compreendemos “[...] que os professores trabalham com seres humanos, a sua relação com o seu objeto de trabalho é fundamentalmente constituída de relações sociais” (TARDIF, 2010, p. 132).

Em relação ao local de trabalho e suas condições, foi questionado, na sexta pergunta: Você considera favoráveis as condições de trabalho do qual faz parte? O que pode ser melhorado?

Professor A: — [...] as condições são, elas não são ruins. Porque a gente tem um espaço que a gente pode atender os alunos, a gente tem uma sala de aula que é razoavelmente confortável, principalmente se a gente é, conhece a vivência de uma Instituição Pública, que não seja Federal ou mesmo particular. A questão estrutural da Universidade é boa, o problema maior nesse, o problema maior que eu encaro de dificuldade sabe, na estrutura, era o que eu tinha falado antes, existe uma divisão de coisas que professor efetivo pode fazer e que o professor substituto não pode fazer.

Professor B: — Eu acho que, em linhas gerais, nós temos boas condições de trabalho. Salas de aula de boa qualidade, com data show, xerox de professores, salas climatizadas né?! Um bom ambiente de trabalho, né?! Temos transporte no Campus, temos possibilidades de diárias de viagens... então, eu considero que, pelo menos o Curso de Turismo, [...].

Professor C: — [...], mas eu acho que, no geral, em comparação a algumas outras Universidades que eu conheço, aqui está razoável, né? Talvez, o que eu sinta mais mesmo, é o incentivo da própria Universidade pra que os professores

façam projetos, publiquem esses projetos, tragam os resultados e tragam projetos que tragam dinheiro pra Universidade, que não ficar só restrito à própria Universidade.

Professor D: — [...] essa Universidade ela oferece as melhores condições. Salas climatizadas, dos dados shows estarem instalados, fixos em todas as salas, de boas carteiras pros alunos, de iluminação boa adequada...

Professor E: — Eu acredito que as condições de trabalho na Universidade são muito boas, do ponto de vista estrutural. Do ponto de vista de acervo, claro, tem Universidades melhores, com uma estrutura melhor. Mas, eu acho que a estrutura da Universidade ela é suficiente pra atender às nossas necessidades, da nossa realidade.

Professor F: — Ah! Eu acho que precisamos de algumas melhorias, né? Mas isso não me atrapalha no desempenho da minha atividade docente, né?! Nas melhorias necessárias eu acho que, em termos de equipamentos, eu acho que a gente tem que se modernizar mais.

Nota-se que todos os entrevistados consideram suas condições de trabalho, em termos estruturais, razoáveis ou de boa qualidade para o desempenho de suas atividades docentes. O que se percebe é, mais uma vez, a insatisfação acerca do acervo, por ser insuficiente e limitar o seu acesso a todos os alunos do curso.

Este fator da limitação do acervo é encarado como um grande problema pelos docentes, pois foi mencionado pela segunda vez em duas perguntas. Ressalva-se que “[...] o domínio da leitura e da escrita é fator essencial para o sucesso acadêmico de qualquer estudante” (BORGES, 2012, p. 235).

A sétima pergunta trata da teoria e prática, que são elementos tão importantes na carreira docente: Qual a importância entre teoria e prática para um bom desempenho dentro e fora da sala de aula?

Professor A: — É interessante que se tenha essa vivência, porque o Turismo não é uma atividade de gabinete. Você pode até trabalhar em um departamento que seja, que você procura uma área pra trabalhar, que seja mais administrativa... mas, de alguma forma, você lida com o público, você vai ter que organizar projetos, você vai ter que lidar com pessoas. Então, é muito importante que exista essa união entre teoria e prática, primeiro pra possibilitar uma vivência dos alunos com campos diversos que o mercado oferta e também pra que não se... pra que quando eles saiam do Curso de Turismo [...].

Professor B: — É fundamental, né?! Eu acho que um docente que tenha uma formação puramente teórica é um docente que

vai ter alguma limitação em explicar o fenômeno turístico, né?!

Professor C: — [...] eu acho que ela é fundamental. Eu acho que o nosso Curso, talvez a disciplina de Estágio, nesse momento que ela tá começando a ter uma fiscalização maior, eu acredito que, tudo aquilo que os alunos aprendem na teoria e na prática, das disciplinas teóricas e técnicas, eu acho que o Estágio ele, com o acompanhamento agora que vai ter maior em campo, tem tudo pra ser um baita de um aprendizado pros alunos.

Professor D: — A teoria e a prática elas são totalmente complementares. Então, não adianta eu dizer que só as aulas práticas elas vão trazer tudo, toda a qualidade de conhecimento que o aluno precisa. Então, tem que ser aliado teoria com prática.

Professor E: — Bom, eu acho que essa relação ela é indissociável. Tanto é que existem professores que são muito bons teoricamente falando, mas, quando vão pra prática, não tem é, não conseguem conduzir tão bem. E já tem professores que são muito bons na prática, conduzindo atividades mais práticas, mas que não sabem teorizar de forma aprofundada, bem conduzida. Eu acredito que a teoria e a prática ela é importante pra que você possa, por exemplo, dentro de sala de aula, a gente sabe que na Universidade precisamos teorizar, precisamos refletir, mas sempre fazer essa correlação com a prática [...].

Professor F: — É essencial! Essencial! Porque o aluno que ficar só no aprendizado teórico ou então, na simulação eu às vezes não gosto muito de utilizar, porque se trabalha muito com simulação, eu prefiro levar o aluno direto pra realidade, né?! Os desafios, né?!

Mostra-se evidente a importância em se relacionar a teoria com a prática para todos os docentes entrevistados. Sabe-se que essa importância pode ser percebida bem antes, pois “[...] a formação inicial e o estágio devem pautar-se pela investigação da realidade, por uma prática intencional, de modo que as ações sejam marcadas por processos reflexivos [...]” (BARREIRO; GEBRAN, 2006, p. 21).

Sobre os métodos e técnicas que cada um pratica para atribuírem notas a seus alunos, a oitava pergunta foi: Para você, quais são os métodos mais adequados para se avaliar a aprendizagem dos estudantes em graduação?

Professor A: — [...] Os professores do Curso porque as, apesar de sermos Bacharéis em Turismo, quando cada um optou por um curso específico de mestrado, outro doutorado... a gente tem uma familiaridade maior com as técnicas de avaliação que

cada área do conhecimento emprega.

Professor B: — Certo. Veja, nós temos que entender que é preciso fazer uma reflexão desses métodos antigos, né?! Porque hoje nós lidamos com um público alvo totalmente diferente, né?! Quer dizer, o discente hoje ele tem muito mais conhecimento, porque ele tem acesso à muita informação, ele tem instrumentos de trabalho como: celulares, redes sociais, que ampliam esse rol de conhecimentos que ele tem, né?! [...]. Temos aí metodologias novas, que estão surgindo na área de docência, que nós temos que avaliar pra, de fato, atingir esse objetivo, né?!

Professor C: — Eu não gosto de trabalhar com uma técnica só, tá? Eu gosto sempre de trabalhar com duas ou três. De sessenta em sessenta horas, são três avaliações.

Professor D: — Outra questão também complicada de se fazer: avaliar o aluno. Porque primeiro, se você fizer três avaliações, você corre o risco de não medir totalmente a capacidade daquele aluno, porque só prova escrita ela não, não vai mostrar pra você o conhecimento que aquele aluno, né, tem de uma forma geral da disciplina.

Professor E: — Eu acho que o profissional docente ele tem que entender que os métodos avaliativos eles são falhos e é por isso que se devem criar várias estratégias, tanto qualitativas quanto quantitativas, pra que se possa ter uma equidade nessas avaliações.

Professor F: — Bom, pra mim a escrita é fundamental! Então, o aluno é, qualquer avaliação, acho que tem que ter uma, uma parte dessa avaliação ou uma etapa dessa avaliação que seja uma redação, uma atividade onde o aluno vá descrever ou uma ideia ou apresentar uma argumentação.

Percebe-se que, embora alguns docentes já apontem quais são seus métodos avaliativos para com o corpo discente, torna-se perceptível que todos eles apontam a importância desses métodos, dos seus resultados e que se deve pensar em sua melhor utilização, adequação e melhoramento, para se poder avaliar de forma justa seus alunos.

Dessa forma, “[...] há uma diferença estrutural entre um ato pedagógico, o ato de ensino, que sempre tem uma dimensão política, e a pesquisa, que deve ser mais prudente, que deve analisar o que é e não pode dizer o que deve ser” (CHARLOT, 2012, p. 105).

Frente à essas diferenças naturais entre cada indivíduo, as quais o tornam um ser único, pode-se dizer que “[...] a competência se revela na ação – é na prática do profissional que se mostram suas capacidades, que se exercitam suas possibilidades, que se atualizam suas potencialidades” (RIOS, 2010, p. 88).

A nona pergunta aborda a maneira como os docentes despertam o conhecimento

adquirido pelos discentes dentro e fora de sala de aula: Em sua opinião, de que forma os docentes precisam trabalhar para conduzir o aluno a tornar-se criativo, crítico, pesquisador e atuante para produzir o conhecimento na área de turismo?

Professor A: — [...] não existe, no decorrer do Curso, na minha visão atualmente, um incentivo desde o primeiro bloco pra que esse aluno seja crítico, pra que esse aluno seja produtivo, pra que ele tenha interesse em fazer algum tipo de pesquisa dentro do campo do Turismo.

Professor B: — [...] O aluno hoje, o aluno não... o brasileiro em si, ele tem uma deficiência de leitura muito grande. Então, nós docentes, temos que buscar estimular é, e desenvolver estratégias, pra tentar mostrar pro aluno a importância da leitura, né?! A importância de desenvolver esse hábito cotidiano de ler, despendendo menos tempo com televisão, com internet e procurar ler e escrever como habilidades essenciais pra, também futuramente, se tornar profissionais, né, da nossa área.

Professor C: — Leitura, leitura, leitura, leitura! Fichamento, fichamento, fichamento e discussão, discussão, discussão! Eu acho que tá faltando, não somente pra sociedade brasileira como um todo, a leitura; mas, principalmente os alunos que estão no Curso de Graduação, ler minimamente ao longo do Curso, dois livros por semestre e, pelo menos, de quinze a vinte artigos por semestre, são a média que eu faço.

Professor D: — Outro desafio também pro professor: “como é que você vai estimular a criatividade dos alunos?” Então, a gente não tem, os professores de Turismo, eles não estudam, na nossa Graduação, não tem uma linha, uma área, que você estude didática, por exemplo.

Professor E: — Eu acredito que o docente, ele tem que tentar conduzir as aulas, no sentido de sempre, obviamente, a gente precisa teorizar, mas sempre tá correlacionando com a prática.

Professor F: — Hum! Aí é um desafio muito grande pro docente, né?! Todos esses elementos, eles não dependem só da capacidade docente não! Dependem também do interesse do aluno.

Nota-se que grande parte dos entrevistados aponta a leitura como fator primordial para o desenvolvimento de um aluno crítico, criativo, pesquisador e atuante em sua área. “O crescimento intelectual do aluno surgirá a partir do aprender a pensar que terá como base a interação da leitura-escritura [...]” (BORGES, 2012, p. 236).

Por outro lado, há quem questione sobre uma boa formação desde o início,

apontando falhas relacionadas ao envolvimento e ao trabalho dos docentes com os alunos ingressantes do curso, pois, para estes, é no início do curso que se deve instigar e trabalhar todos esses elementos, para que os tornem naturais durante a formação acadêmica e fora dela também.

Consta-se a importância de uma prática reflexiva pedagógica entre os docentes, “[...] a prática reflexiva é entendida com um propósito claro: incluir os problemas da prática em uma perspectiva de análise que vai além de nossas intenções e atuações pessoais” (VALADARES, 2012, p. 222).

Em relação à pesquisa, a décima pergunta diz: Qual o significado e efeitos em se investir no campo da pesquisa nos cursos de graduação em Turismo?

Professor A: — [...]. Eu enxergo a pesquisa como um momento onde você pode trazer pra realidade vivências específica. [...] Pra trazer à tona como isso se desenvolve, pra que, a partir desse trabalho, eu consiga detectar o possível erro e transforme a vida dessas pessoas. [...]. Eu percebo que os trabalhos são muito pouco críticos, sobre o contexto que a gente vive, é sempre algo muito repetitivo, são os mesmos temas, são as mesmas problemáticas que, no final das contas, são só repetição, não trazem nada muito novo que não possibilitam um debate [...].

Professor B: — A pesquisa ela é um instrumento fundamental de aprendizagem. Eu entendo que a pesquisa ela leva muitas vezes o aluno a promover essa interação entre teoria e prática, ao sair da sala de aula, ao interagir com comunidades, que antes de interagir, ele vai ter uma visão da comunidade, mas ele interagindo com as comunidades, ele vai ter uma visão diferenciada, né?!

Professor C: — Fundamental! Fundamental! Turismo falta pesquisa. Turismo falta pesquisa, não só pesquisa básica, mas uma pesquisa mais aprofundada [...]. [...] a pesquisa dentro do tripé da Universidade é fundamental, primordial, né?!

Professor D: — Hoje, a crítica maior da pesquisa, da área da pesquisa é você fazer uma pesquisa acadêmica e ela ir pra uma biblioteca, pra uma gaveta, ficar parado, não ter utilidade prática, né?! [...]. Hoje você tem que pensar em fazer uma pesquisa que seja útil e qual seja a melhor forma de divulgar sua pesquisa. [...]. Trazer algum, algum sentido pra que ela foi feita.

Professor E: — Bom, eu sou suspeito em relação a isso porque o Turismo tem três vertentes na pesquisa, existem umas estimas que diz que: ‘O Turismo nunca vai ser ciência’; existe uma outra que diz que: ‘O Turismo está caminhando pra ser ciência’ e existe uma linha de pesquisadores que dizem que:

‘O Turismo é ciência.’ Eu me enquadro na segunda linha que diz que: ‘O Turismo está caminhando talvez pra ser ciência’, mas, pra isso os estudos precisam estabelecer um objeto de estudo bem definido.

Professor F: — Considero transformador, né?! Eu acho que investir na pesquisa é fundamental porque cê tem uma contribuição, né?! Assim como eu falo que teoria e prática são fundamentais, essenciais, né?! A pesquisa também é essencial na medida em que ela vai então trazer soluções, alternativas pra que sejam aplicadas em sociedade, né?!

Concebe-se que a pesquisa, para todos os entrevistados, foi um fator de grande importância dentro e fora de uma instituição de ensino superior, pois seus resultados corroboram não somente com o meio acadêmico, mas também devem trazer contribuições para a sociedade, daí a sua importância.

De fato, “[...] os saberes experienciais adquirem também certa objetividade em sua relação crítica com os saberes disciplinares, curriculares e da formação profissional” (TARDIF, 2010, p. 53).

Trouxe também a contribuição de pensamentos de outra autora que diz que “[...] a educação é um processo de socialização da cultura, no qual se constroem, se mantêm e se transformam os conhecimentos e os valores” (RIOS, 2012, p. 70).

Entende-se que a pesquisa e outras práticas pedagógicas são importantes para o aprendizado dos alunos; possibilitando a ampliação de possibilidades de mediação e de conhecimento, respeitando o tempo de aprendizagem de cada um, a diversidade de conhecimentos e a heterogeneidade cultural, aproximação entre a academia e a vida por meio de projetos, resolução de problemas e práticas da pesquisa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, a docência universitária mostra-se como um importante meio de ingressar no mercado de trabalho educacional, mas que exige muitos estudos e pesquisas acerca desse tema, em especial, a docência universitária em turismo. Com a realização desse artigo, observa-se os principais estudiosos que trabalham com essa temática, os quais estão inseridos no referencial teórico que tem como objetivo principal apresentar para os leitores informações referentes aos assuntos abordados, previamente relacionados à docência universitária, no caso, o Turismo, os seus principais desafios e as relações entre teoria e a prática no ensino superior.

Foi discutido durante a análise das entrevistas coletadas e, sendo estas direcionadas aos docentes Bacharéis em Turismo ativos de uma IES, o ponto de vista de cada docente acerca do magistério superior, a importância da formação continuada, os desafios encontrados na docência universitária, o método de ensino-aprendizagem que exige uma contribuição para a formação do profissional na área de turismo.

Com a finalização desse trabalho, acredita-se que todos os objetivos específicos foram alcançados e, com isso, a questão problema foi respondida. Pois, o objetivo geral era identificar como os docentes do Curso de Bacharelado em Turismo trabalham teoria e prática do ensino em turismo.

Diante dos desafios impostos pela docência universitária, segundo os professores

analisados durante a pesquisa, se tornam importante mecanismo por habilitar o ensino-aprendizagem na prática dos próprios acadêmicos, facilitando o processo educacional e profissional destes durante o Curso de Bacharelado Em Turismo.

Assim, reconhecendo a necessidade atual de se aprofundar em pesquisas relacionadas à temática da docência universitária voltada para o ensino superior em Turismo, ficará à disposição este trabalho, para que haja uma participação tanto dos docentes quanto dos discentes em realizarem pesquisas a respeito desta temática, a fim de buscarem resultados que garantam uma contribuição significativa a respeito da educação, do ensino superior e do estudo do turismo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

ARAÚJO, Paulyanne Leal de; YOSHIDA, Sônia Maria Pinheiro Ferro. **Professor: desafios da prática pedagógica na atualidade**. Revista Educação e Linguagem, Cuiabá, v. 3, n. 1, p. 01-20, out. 2009. Disponível em: <<http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2009/11/03/outros/608f3503025bdeb70200a86b2b89185a.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BARRETTO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 8ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

BORGES, Rita de Cássia Monteiro Barbugiani. O professor reflexivo – crítico como mediador do processo de inter-relação da leitura-escritura. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. (Orgs). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CALDEIRA, Anna Maria Salgueiro; AZZI, Sandra. Didática e construção da práxis docente: dimensões explicativa e projetiva. In: ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de; OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. (Orgs.). **Alternativas no ensino de didática**. 9ª ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2008.

CHARLOT, Bernard. Formação de professores: a pesquisa e a política educacional. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. (Orgs). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

DEMO, Pedro. **ABC: Iniciação à competência reconstrutiva do professor básico**. 4ª ed. Campinas: Papirus, 2009.

FUNDAÇÃO CECIERJ. Disponível em: <<http://cederj.edu.br/cederj/cursos/turismo/>>
Acesso em: 19 de dezembro de 2017.

KAUARK, Fabiana da Silva; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa**: um guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MATIAS, Marlene. **Turismo**: o ensino de graduação no Brasil. Revista Turismo & Sociedade, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 58-81, abr. 2012.

NIQUINI, Waléria Thabata Roldão; BRUSADIN, Leandro Benedidi. **O ensino superior em turismo: humano ou mercado?** Revista TuryDes, vol. 6, n° 14, jun.jul. 2013. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/turydes/14/educacao-turismo.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2016.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

REIS, Cecília Ulisses Frade dos; BRUSADIN, Leandro Benedini. **O desenvolvimento do ensino superior em turismo no Brasil**: origens, transformações e desafios contemporâneos. Cuadernos de Educación y Desarrollo, Málaga, v. 1, p. 1–10. jun. 2014. Disponível em: <<http://atlante.eumed.net/ensino-turismo/>>. Acesso em: 19 out. 2017.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar**: por uma docência da melhor qualidade. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVEIRA, Carlos Eduardo; MEDAGLIA, Juliana; GÂNDARA, José Manoel Gonçalves. Quatro décadas de ensino superior de turismo no Brasil: dificuldades na formação e consolidação do mercado de trabalho e a ascensão de uma área de estudo como efeito colateral. **Revista Turismo Visão e Ação**, v. 14, n° 1, p. 06-18, jan./abr. 2012. Disponível em: <http://www.univali.br/revistaturismo>. Acesso em: 28 out. 2016.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

VALADARES, Juarez Melgaço. O professor diante do espelho: reflexões sobre o conceito de professor reflexivo. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. (Orgs). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

ZUFFO, Darci; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Paradigmas educacionais: desafios e oportunidades para o século XXI**. IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR, p. 8751-8763, out. 2009. Disponível

em <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educee2009/anais/pdf13488_2050.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2016.

Teaching-learning relations and the challenges of the graduate degree in tourism in university teaching: the case of a higher education institution (IES)

Abstract: *The present article aimed to analyze how professors of the course Graduate in Tourism of a higher education institute work theory and practice of teaching in Tourism, in face of the challenges imposed by college teaching. In order to do so, the research sought to base authors who possess a great knowledge of the subject, as well as books, articles and dialogues among professionals in the area, who seek to explain and develop the practice of teaching in the country. In this way, the data collection questioned the main difficulties related to university teaching in tourism and the possible relations between theory and practice that the course offers. The data analysis was carried out through the answers obtained in the interviews applied to the professors and, based on the information observed in this instrument, the central objective of the research was achieved. Therefore, theory and practice construct discourses that place teaching-learning as an object of relevance in what concerns the formation of students for professional environment and new professionals who wish to work in university teaching in tourism.*

Keywords: *Tourism, Theory and practice, University Teaching, Challenges.*

Artigo recebido em 04/09/2017. Aceito para publicação em 21/01/2018.